

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
FORMAÇÃO INTERCULTURAL PARA EDUCADORES INDÍGENAS

SEERIBHI LULA APOLO PRADO SAMPAIO (TUKANO)

**IMAGEM E MEMÓRIA: TRAJETÓRIA DE LUTA POLÍTICA DO LÍDER
INDÍGENA ÁLVARO TUKANO (DOÊTIRO)**

BELO HORIZONTE

2023

SEERIBHI LULA APOLO PRADO SAMPAIO (TUKANO)

**IMAGEM E MEMÓRIA: TRAJETÓRIA DE LUTA POLÍTICA DO LÍDER
INDÍGENA ÁLVARO TUKANO (DOÊTIRO)**

Percurso Acadêmico apresentado ao Curso de Formação Intercultural para Educadores Indígenas da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais (FIEI/FAE/UFMG) como requisito parcial para Obtenção do grau de licenciado em Ciências da Vida e da Natureza.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Roberto Maia Figueiredo

BELO HORIZONTE

2023

Figura 1 - Álvaro Tukano

Brasília/DF 2019



Fonte: Arquivos pessoais de Álvaro Fernandes Sampaio.

DEDICATÓRIA

A memória das lideranças que lutaram e lutam em dias atuais, lutas estas que não acabaram. O Covid 19 matou muitas lideranças de bases, não pudemos nem nos despedir de seu corpo e velarlos de forma adequada em seus funerais. Através da história vivida pelo meu pai Álvaro Tukano, gostaria de também dedicar in memoriam dessas outras lideranças que deram suas vidas por demarcações de terras indígenas, direitos e a luta contínua, para que nós pudéssemos ter a voz e autotutela nossas, a voz do indígena do próprio indígena.

Meu Povo Yepâ Mashã (Tukano), da Terra Indígena Balaio, Aldeia Balaio; especialmente, onde nasci. Meus tios, tias, primos e primas, minha família que lá estão. Minha família que está em Brasília, devido a história que meu pai fez e causou nossa permanência em Brasília - DF, ser líder que aprendi, foi optar por ter uma família ou deixá-la e seu povo e sair da aldeia para lutar em favor de sua terra e seu povo.

Aqui estou, uma semente dessa luta para contar um pouco da vida de meu pai, ele com vida e dedicar esse percurso final a ele e dizer obrigado por ser uns dos primeiros a dizer *NÃO*, a colonização salesianas no Alto Rio Negro e por aquelas terras demarcadas através de líderes indígenas do Rio Negro. *Ãyû'u!*

AGRADECIMENTOS

Ao Povo Yepâ Mashã (Tukano), meus pais (Álvaro Fernandes Sampaio (Álvaro Tukano) e Assunta Marinho Prado), meus filhos - Yupuri Arika, Ye'pârio O'ôro, Diâtoho, meus irmãos e irmãs - Daiara Figueroa Sampaio, Nayara Yusio Sampaio, Luvan Prado Sampaio, Shirlene Prado Sampaio, Álvaro Cesar Prado Sampaio, Joana da Luz Prado Sampaio, Hãusirõ Casimiro Prado Sampaio e Pirõ Duhíó Luana Prado Sampaio.

A todos que me apoiaram, professores, bolsistas e a família FIEI. Agradeço por estes quatro anos, vivemos em tempos de pandemia, aprendi o que é a aula remota online, vivi e convivi com a famílias Pataxó – BA/MG e a família Xacriabá, gratidão pelo acolhimento.

RESUMO

Resolvi fazer este percurso de TCC para homenagear meu pai – Álvaro Fernandes Sampaio, sua luta e trajetória política pelas demarcações de terras indígenas, conquistas de direitos indígenas na década de 80 / 90 e a sua participação no movimento indígena. Ainda nos dias atuais, continua lutando por melhorias e direitos indígenas, na política e na demarcação de territórios indígenas. Como a Covid-19 levou muitos líderes indígenas e a grande perda do movimento indígena dessa epidemia, na questão de lideranças mais antigas, segundo meu pai sobraram ele, Marcos Terena, Ailton Krenak, Davi Kopenawa, Cacique Hauni, Megaron e outras lideranças de base. Por isso resolvi fazer esse percurso da vida dele, contando através de algumas fotografias das décadas 80, 90 e nos dias atuais, com o objetivo de homenagear enquanto ele está com vida. Ele mesmo contando a história dele para mim, sou filho dele e no futuro próximo estarei em seu lugar, contar sua passagem através desse percurso na Universidade Federal de Minas Gerais, através do FIEI - (Formação Intercultural para Educadores Indígenas), mencionar nomes de lideranças indígenas de quem começou a política e trajetória, sem esquecer de nossos primeiros que saíram de suas aldeias, porque foi necessário. E a necessidade de lembrar daqueles que ainda estão vivos. Minhas referências é o meu povo Tukano, meu pai Álvaro Tukano, meu avô AKITO (Casimiro Lobo Sampaio – registro dado pelo salesianos), Vitorino Marino Prado (Povo Dessana – avô materno), agradeço a oportunidade de escrever a história e conquistas de lutas por direito e território de meu povo iniciada pelos meus avós e pai, não quero fazê-los de herói, mas sim fazer que os líderes indígenas sejam valorizados e não esquecidos, uma memória viva, levar ele na apresentação deste percurso.

Palavras-chave:

Memória, Movimento indígena, Política, Direito, Demarcação, Álvaro Tukano

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Álvaro Tukano.....	2
Figura 2 – Terras Indígenas do Alto Rio Negro – 2022	10
Figura 3 – Seeribhi Lula (década 1990)	11
Figura 4 – Álvaro Tukano, Mario Juruna, Alba, Daiara e representante do CIMI (década 1980) ...	17
Figura 5 – Lideranças do Triângulo Tukano, Mário Juruna (década 1990)	20
Figura 6 – Lideranças do Triângulo Tukano, reunião com a FUNAI (década 1990)	21
Figura 7 – Lideranças do Povo Tukano, reunião com a FUNAI (década 1990)	22
Figura 8 – Álvaro Tukano (década 1980)	24
Figura 9 – Passaporte/Álvaro Tukano (década 1980)	27
Figura 10 – Jornalista, Mário Juruna, Álvaro Tukano e representante do CIMI (década 1980) ..	29
Figura 11 – Eleição para Deputado Federal (década 1990)	31
Figura 12 – Seeribhi Lula, Lula Presidente da Republica, Álvaro Tukano	32
Figura 13 – Arquivos Confidenciais – (década 1980)	34
Figura 14 – Arquivos Confidenciais – (década 1980)	35
Figura 15 - Déc. 90 – Terra Indigena Balaio – Aldeia Balaio	40

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

FIEI – Formação Intercultural para Educadores Indígenas

Funai – Fundação Nacional dos Povos Indígenas

FOIRN – Federação das Organizações do Rio Negro

UNI – União das Nações Indígenas

COICA - Coordenação das Organizações Indígenas dos Países Amazônicos

OTCA - Cooperação de Tratados dos Países Amazônicos

SUMÁRIO

1.AUTOAPRESENTAÇÃO.....	9
2.INTRODUÇÃO.....	16
3.LIDERANÇA DO TRIÂNGULO TUKANO.....	19
4.FEDERAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DO RIO NEGRO (FOIRN) – OLHAR INDÍGENA.....	23
5.PASSAPORTE INDÍGENA.....	26
6.POLÍTICA: NECESSIDADE PARA SOBREVIVER.....	30
7.CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	37
8.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	40

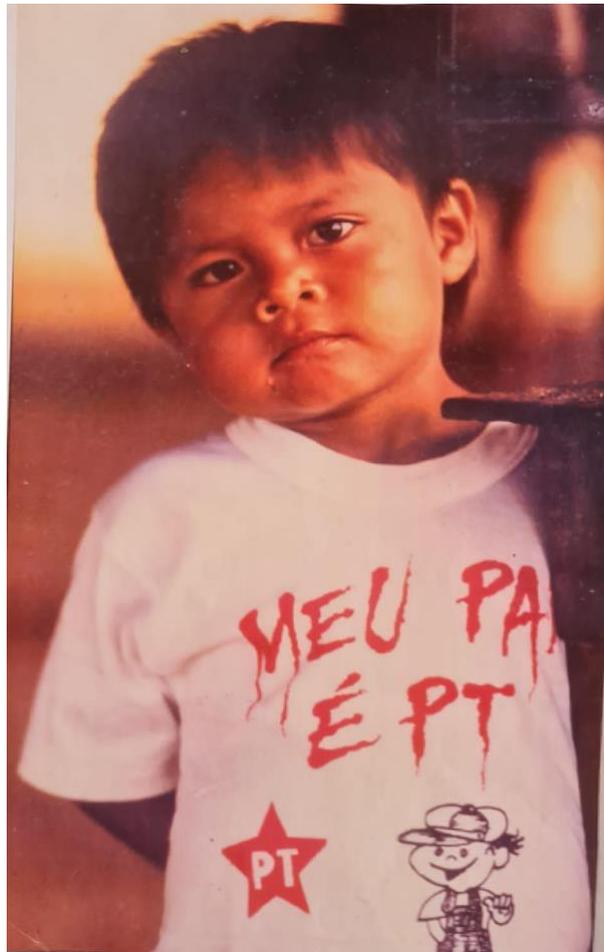
nascimento é Seeribhi Lula Apolo Prado Sampaio, filho primogênito de Álvaro Fernandes Sampaio (Povo Tukano) e Assunta Marinho Prado (Povo Dessano). A linhagem de meu povo é patriarcal, sou neto de Casimiro Lobo Sampaio (Akito) e de Guilhermina Fernandes Sampaio (povo Dessana).

Apreendi ser líder muito cedo e com o passar do tempo, vi que nós indígenas precisamos aprender a política do branco para nos defender e pensar como eles para que não possamos cometer os mesmo erros que nossos antepassados, disse meu pai quando me trouxe para morar em Brasília – DF. Meu pai que ficou por mais 30 anos no PT (Partido dos Trabalhadores) e levou essa política do branco para o município de São Gabriel da Cachoeira (Amazonas), sendo assim que este partido é muito forte, o atual prefeito do município se chama Clóvis Moreira Saldanha, é indígena do Povo Tariano (PT). Abaixo uma foto que diz muito ao meu respeito e da época em que nasci.

Foto essa tirada na déc. 90, na Aldeia Balaio – T.I Balaio, Município de São Gabriel da Cachoeira – AM, quando criança, meu pai levava muita gente importante, políticos, antropólogos, professores de universidades, militares, etc... e essa foto foi tirada na época em que meu pai concorreu pela segunda vez a candidatura por deputado federal pelo estado do Amazonas, quando se falava ou entendia de política nas terras indígenas, a grande maioria conhecia o partido do trabalhadores, isso na Aldeia Balaio. Nessa época, a terra onde nasci, não era demarcada, sua demarcação e homologação foi apenas em 2009. Meu pai ficou quase 20 anos na porta da FUNAI para ter a demarcação, e foi preciso conversar, fazer alianças políticas para que a demarcações indígenas fossem atendidas.

Figura 3: Seeribhi Lula – déc. 90

T.I Balaio - AM



Fonte: Arquivos pessoais de Álvaro Fernandes Sampaio

Sai da minha aldeia Balaio com 13 anos de idade, antes disso, sempre estudei na aldeia. No final de 2004, cheguei em Brasília – DF para estudar e seguir os passos políticos, liderança e ser ensinado de como o não indígena nos observa e poder estudar na grande cidade, tive o primeiro impacto cultural, linguísticos, e o modo de vida do branco como um todo. Morei numa kitnet de um quarto, sai de uma aldeia onde tinha toda liberdade para morar em uma kitnet e me senti preso, quando sai da aldeia eu tinha estudado até a 6ª série, e em 2005, a minha madrasta Rosane Kaingang, juntamente com meu pai, matriculou-me numa escola pública (Escola Fundamental da 103 Sul) de Brasília. Terminei meu ensino fundamental em escola pública e em 2007 fiz uma prova no Colégio Dom Bosco

para concorrer a uma bolsa de estudo e consegui desconto de 80% na mensalidade, lá terminei o ensino médio em 2009.

Em 2010 fiz o vestibular específico para indígenas na UnB, passei no curso de Agronomia, na época a universidade ofertou apenas 5 cursos e 2 vagas por curso, sendo eles Agronomia, Enfermagem, Medicina, Engenharia Florestal, Nutrição. Assim que comecei a estudar na UnB, a minha trajetória de aluno, foi basicamente de luta dentro da própria universidade com a participação dos alunos indígenas. Uma universidade elitizada, preconceituosa, etc... eu fui mais militante do que aluno, assim começou a minha trajetória de querer compreender as palavras “luta pelos direitos indígenas e demarcação”, estudar o que meu pai Álvaro Fernandes Sampaio (Álvaro Tukano) fez enquanto era jovem.

Me chamo Seeribhi (nome de benzimento) Lula (homenagem ao presidente Lula) Apolo Prado Sampaio, nasci no dia 05 de dezembro de 1990, tenho 2 duas filhas (Ye’Pârio O’ôro Silva Sampaio e Diâtoho Nãhway Silva Sampaio) e um filho (Yupuri Arika Silva Sampaio), sou separado de casamento, filho de Álvaro Fernandes Sampaio (Tukano) e Assunta Marinho Prado (Dessana). Meu povo é patrilinear, ou seja, "o que vale é o sangue do pai". Tenho 3 irmãos e 6 irmãs, no total somos 10 irmãos - Daiara Hori Figueroa Sampaio (irmã por parte de pai), Naiara Yusi Donabella Sampaio (irmã por parte de pai), Seeribhi Lula Apolo Prado Sampaio (pai e mãe); Luvan Prado Sampaio (pai e mãe); Shirlene Prado Sampaio (pai e mãe); Álvaro Cesar Prado Sampaio (pai e mãe); Joana da Luz Prado Sampaio (pai e mãe); Hãusirô Casimiro Prado Sampaio (pai e mãe); Luana Prado Sampaio (pai e mãe); Suelen Sampaio (por parte de pai).

Nasci e morei na Terra Indígena Balaio e a aldeia onde nasci se chama Balaio, sou do Povo Tukano, do clã Iremîri Hãusirô Paramêra do Alto Rio Negro na Amazonia Brasileira, cabeça do cachorro, fronteira da Colômbia, Brasil e Venezuela, município de São Gabriel da Cachoeira – AM. Cresci com os ensinamentos de meu povo e orientação dos mais velhos de minha aldeia, venho de uma linhagem de lideranças, então minha infância não foi de brincar, correr, nadar, como de outras crianças de minha idade. As coisas que fazíamos sempre tinha algum ensinamento, uma história, uma lição e, basicamente, por eu ser o neto do filho mais velho de meu avô, tinha que escutar com mais atenção possível. Tudo que sei e pratico com relação ao meu povo, aprendi com os mais velhos de minha aldeia.

Meu pai sempre esteve fora de minha aldeia, fazendo política, buscando a autonomia dos povos indígenas do Alto Rio Negro, lá vivem 23 povos indígenas com suas línguas, tradições e suas formas de viver. Minha mãe sempre cuidou da gente, ela tinha ou tem grande participação e liderança dentro da minha aldeia Balaio, por ser uma esposa de liderança, devido a ausência de meu pai na aldeia, muitas das vezes a decisão tinha que ser de minha mãe: a organização de mulheres, trabalhos de comunidade, recepção e etc. Fiquei até aos meus 13 anos de idade na aldeia.

Comecei a estudar na escola Indígena São Pedro, a escola de minha aldeia, pré-escolar e o ensino fundamental (6ª série). Em 2005 vim para Brasília, meu pai me buscou para eu ficar em seu lugar e me preparar na vida política e nos estudos. Completei o meu ensino fundamental na escola pública em Brasília, estudei na Escola da 103 Sul, foram os anos mais difíceis da minha vida, 2005 a 2006. Era a primeira cidade que vi em minha vida, uma metrópole, uma cidade preconceituosa com os “diferentes”, apanhei na escola por eu ser indígena, não sabia falar muito bem o português, tive que aprender. Morei em uma kitnet de um quarto, dormia na sala, não tinha amigos e não conversava com ninguém, por eu não conhecer. Na escola tinha alguns colegas, mas não entendiam o que eu falava e riam de mim e isso me fez afastar das pessoas. Sempre fui um aluno esforçado, não reprovei no ensino fundamental.

Meu ensino médio não foi mais tranquilo de como meu pai achava que seria, em 2007 a 2009 estudei na escola Dom Bosco na 702 sul – Brasília (DF). Entrei como bolsista, fiz uma prova para estudar nesse colégio, consegui desconto de 80% na mensalidade e meu pai pagou para eu estudar, achando que na escola particular fosse mais tranquilo com relação ao preconceito com a questão indígena (conhecimento com relação aos povos indígenas). As coisas não mudaram, para mim foi pior, muita gente rica, escola de branco e com seus olhares superiores, quando falavam comigo, batiam a boca e falavam “índio quer...” Apesar de tudo isso, consegui completar meu ensino médio com muita dificuldade.

Meu psicológico nesses anos que estudava em escola de não indígena foi muito ruim, ruim não ter ninguém do meu povo, nenhum amigo, apenas colegas que falavam “oi” e quando chegavam outros alunos não indígenas, eles me ignoravam e eu me sentia invisível. Fiquei com psicológico abatido, a palavra do não indígena seria depressão.

Em 2010 fiz o vestibular específico para indígenas na UnB, passei no curso de Agronomia, na época a universidade ofertou apenas 5 cursos e 2 vagas por curso, sendo eles: Agronomia, Enfermagem, Medicina, Engenharia Florestal, Nutrição. E lá conheci outros indígenas de várias regiões, conheci indígenas que não se pareciam comigo fisicamente, conheci alunos do povo Potiguara, Tupinambá, Atikum, Puyanawa, Yawanawa, Karipuna, Tupiniquim e outros. Então eu não estava só, como imaginava. Quando entrei na UnB éramos 30 alunos mais ou menos, o preconceito persistia nesse espaço universitário, cursei o curso de Agronomia por 5 semestres, não completei o curso.

Virei basicamente militante da causa indígena, fizemos movimento indígena estudantil na UnB, conseguimos espaços físicos e mais vagas em outros cursos. Nessa época, nós, os graduandos indígenas, dialogamos com programas de mestrado da UnB para que alunos que estavam se formando pudessem fazer mestrado na universidade, reivindicamos vagas específicas para candidatos indígenas. A FUNAI pagava a "bolsa permanência" no valor de R\$900,00 (novecentos reais), mas éramos obrigados a pegar 24 créditos em disciplinas e atividades acadêmicas, uma carga muito puxada. Tivemos muita desistência de alunos indígenas, buscamos professores com simpatia ou empatia com a gente para nos ajudar, conseguimos. A discussão sobre a "bolsa permanência" foi em minha época para se tornar uma bolsa ou política de educação, garantimos a bolsa, vivíamos mais na esplanada do que na universidade. A "bolsa permanência" se tornou uma política de educação, dentre outros, devido os alunos tikunas foram expulsos de sua moradia, pois a FUNAI atrasou por 3 meses em pagar o auxílio e a dona da hospedagem deixou 7 alunos na rua.

Ocupamos a FUNAI em 2013, todos os alunos e apoiadores, e naquela noite a FUNAI ligou para o MEC alegando que a obrigação era dela por se tratar de educação. Finalmente, as coisas melhoraram um pouco, a bolsa não atrasava mais e a obrigação de pegar 24 créditos também não era mais necessária. Contudo, aprendi na prática como funciona uma luta por direitos e isso foi graças ao nosso empenho e dos alunos de graduação, hoje a UnB tem mais alunos, cerca de 300 alunos e tem dois vestibulares por ano. Aprendi muito lá, aprendi a entender o porquê da luta de meu pai, tive uma noção. Aprendi muito com alunos do nordeste, suas formas de pensar, ajudar outros, e por isso tenho mais contato com pessoas do nordeste do que com pessoas da minha região.

Em 2017 entrei no IFB – Instituto Federal de Brasília, cursando Gestão Pública, entrei por lá porque meu irmão Luvan Prado Sampaio e outro amigo Tiago Kirixi Munduruku estavam

por lá e eu, então, tinha sido desligado da UnB. Fui lá para falar sobre a questão indígena na semana indígena em abril e um professor me fez refletir sobre a possibilidade de estudar Gestão Pública, mas só entrava com nota do Enem. Fiquei apenas dois semestres, não gostei do curso, nem da instituição.

Em 2018, fiz outro vestibular específico na UnB e passei para o curso de Comunicação Organizacional, mas também fiquei pouco tempo por lá, porque tinha uma namorada que ficou grávida, fui, me casei e morei no município de Carmésia - MG, ela é do povo Pataxó e com ela tenho 3 filhos. Fui casado por 5 anos, nome dela Paula Adrielle Silva de Jesus, nome indígena se chama ãgoho (Lua), tenho um filho e duas filhas com ela (Yupuri Ariki Silva Sampaio, Yepário O'ôro Silva Sampaio e Diâtoho Nahway Silva Sampaio). Todos moram com a mãe na Aldeia Sede – T. I Guarani, cheguei em 2019 e fiquei até 2022. Fui professor do ensino médio e do EJA na escola da aldeia de lá, que se chama Escola Estadual Indígena Pataxó Bacumuxá.

Ouvi falar do FIEI e no mesmo ano fiz o vestibular. FIEI, resumo assim, minha família, amigos, irmãos, enfim, sei que o FIEI é uma família independente de seu povo. Os professores nos tratam de forma diferenciada e aprendendo todos os dias como viver em meios de povos diferentes. Acredito que o FIEI seja espelho para outras universidades ou um sistema esse para ter uma universidade indígena no Brasil para povos indígenas. Entrei no curso/habilitação de Ciências da Vida e da Natureza (CVN), sou o único aluno do norte do Brasil, de minha região, no curso estavam presentes os povos Xacriabá, Guarani, Pataxós de Minas Gerais e da Bahia, e lá está o "tukaninho". Cada aula em que eu participei, foi uma aprendizagem, suas formas de lutas, suas contações de histórias, hábitos culturais, revitalização de suas línguas, enfim... Lá onde nasci, não valorizamos o que é nosso e, será que é preciso perder terras para invasores, perder familiares, para que meu povo valorize sua língua, cultura e tradição? Eis meus questionamentos em minhas aulas quando escuto alunos do FIEI. No módulo que temos em BH, acredito que compreendi que a escola não é só estar na sala de aula no território, ela continua além do território indígena, seja na política, educação, saúde e lutas por direitos. A base para essas conquistas é a educação diferenciada para compreender o que os outros pensam e dialogar com pessoas diferentes.

As universidades necessitam de indigenização, a educação como um todo necessita falar sobre povos indígenas através de nós indígenas, os espaços de educação devem usar as referências de nossos povos e nossos anciões, como sabedores de nossa cultura e tradição, mencionar eles numa dissertação, num livro ou uma publicação científica, enfim, saberes

tradicionais tem que ser valorizados em espaços públicos e privados. A educação é a porta para isso acontecer, o que ocorre no país nosso com Ministério dos Povos Indígenas a sua criação, mostra que somos e temos autonomia de nossas decisões.

2.INTRODUÇÃO

Figura 4: Álvaro Tukano, Mário Juruna, Professora USP, Daiara Tukano
e Padre Mário Fioravante italiano – déc. 80
São Paulo - SP



Fonte: Arquivos pessoais de Álvaro Fernandes Sampaio

O objetivo deste trabalho é trazer informações através de fotografias e depoimentos de meu pai, mostrar e socializar a valorização de liderança que ele é, como memória de uma luta política por direitos à terra, entre outros. Um exemplo de sua luta foi em 2009. Neste ano

foi homologada a Terra Indígena (TI) Balaio, território que faz parte do mosaico sociocultural do Rio Negro, ou Noroeste Amazônico, região multilíngue e pluriétnica com ocupação milenar dos povos indígenas que hoje aqui vivem e circulam práticas e saberes próprios. No caso das comunidades que formam a atual TI, as primeiras se estabeleceram na década de 1970 com famílias vindas da região do rio Tiquié e Uaupés. As mobilizações para sua identificação e demarcação remontam aos anos de 1980. (FOIRN, 2020, p. 7)

Localizada no município de São Gabriel da Cachoeira, AM, a TI tem seu acesso principal pela rodovia BR 307 que antes ligava a sede municipal, ou centro urbano de São Gabriel da Cachoeira à Cucuí, distrito do mesmo município que faz fronteira com a Venezuela. Hoje em dia, a estrada vai do centro de São Gabriel da Cachoeira até o km 100 onde encontramos a comunidade Balaio. A Terra Indígena Balaio tem 257 mil hectares e está sobreposta a duas Unidades de Conservação. Uma é federal, o Parque Nacional Pico da Neblina, criado pelo decreto nº 83.550 de 1979 com a extensão aproximada de 2 milhões e 200 mil hectares. Criada na época pré-constituente, a ocupação pelos moradores indígenas não foi considerada pelo Estado ao criar o Parque. Isto gerou uma série de conflitos com os órgãos gestores na época. (PNGATI - “FOIRN, 2020, p.7”)

Este trabalho tem como finalidade mostrar o quanto é importante fortalecer a aldeia, território, educação e a formação de novos líderes indígenas dentro e fora do território indígena Balaio e contribuindo na comunidade, fortalecendo a identidade indígena e a cosmologia do Povo Tukano e outros povos que lá vivem dentro do T.I Balaio. A formação da aldeia Balaio, irá abordar os desafios enfrentados no território, sua demarcação e quem esteve e está na ativa luta política (Álvaro Tukano), resultado este presenciado pelo mesmo enquanto lutava pelos direitos indígenas na constituinte e visa então a demarcação e a sua importância de proteger seu povo, quando uma terra demarcada, tem seus direitos asseguradas, levando assim uma história rica para os membros da Terra Indígena Balaio, professores e para acervos que queiram ler a história da formação e a luta do líder indígena Álvaro Tukano.

Álvaro Fernandes Sampaio, neto e filho de líderes do Povo Tukano, filho de Casimiro Lobo Sampaio (conhecido como Akito, uma liderança tribal da Aldeia São Francisco do Rio Tiquié, pertencente ao Distrito de Pari Cachoeira) e Guilhermina Lobo Sampaio. Com dez anos de idade foi levado pelos missionários para estudar, onde as línguas faladas eram francês, italiano, alemão e espanhol, por vontade de seu pai, e lá ficou por alguns meses. Até que seus familiares tiraram ele do orfanato a força, e assim ele continuou morando na aldeia e, isso repercutiu em outras família tradicionais que fizeram o mesmo com seus filhos de outras aldeias. E depois de algum tempo, com 16 anos, ele voltou para estudar na escola missionária de Pari Cachoeira, onde formou e se tornou professor e catequista da aldeia de São Francisco. Com o passar do tempo, houve a proposta para ele estudar e se tornar padre, foi então que decidiu estudar e ao mesmo tempo ingressou no serviço militar, sua profissão no quartel foi ser enfermeiro. Foi excelente soldado e, na época, o general da brigada de infantaria fez proposta para estudar medicina em São Luís – MA. Lá viu o Povo Guajajara lutar pela sua Terra, uma luta essa então desproporcional em todas as áreas, mas eles eram fortes e ainda continuam a resistir para existir.

Álvaro Tukano é um líder indígena com mais de 40 anos vividos na política indigenista nacional, teve participação da criação da Coordenação das Organizações Indígenas da Amazônia Brasileira (COIAB), da Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), a antiga UNI (União das Nações Indígenas), o nascimento da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), a Associação Latino Americana de Povos Indígenas (COICA), uma rede de comunicação entre os povos. Em seu relatório de viagem para Rotterdam – Holanda, em que relata como foi se encontrar com Mário Juruna, constam algumas das suas participações internacionais que proporcionaram mudanças políticas indígenas no Brasil. Teve também a sua importância participação, ajudou, juntamente com outros líderes indígenas, na demarcação dos territórios indígenas do Alto Rio Negro.

Neste trabalho, buscamos mostrar através de conversa, documentários sobre a vida deste líder indígena, homenagear suas memórias de lutas, conquistas e vitórias na luta política, por direitos indígenas. Estas memórias são contadas por mim, seu filho Seeribhi Lula Apolo Prado Sampaio, em forma de valorizar as lutas e a memória de todas as lideranças que perderam suas vidas em prol de seus povos. Assim, espero que este percurso leve a um maior conhecimento e valorização de líderes indígenas enquanto vivem, porque quando a Covid-19 aqui chegou, líderes importantes morreram. Mostrar, dessa forma, que nossa luta continua desde nossos antepassados e valorizar a vida cultural, a tradição e a nossa convivência social interna. Este trabalho pretende também ser uma forma de resgate para mostrar para os moradores e escolas do T.I Balaio de que forma foi a conquista do território, muitos jovens e professores não têm muita ideia da luta pela formação do T.I Balaio.

Nesse percurso buscamos informações através de fotos do final década de 1970 até os dias atuais, as primeiras famílias que vieram para a formação da Aldeia Balaio, a vida do líder Álvaro Tukano e seu vínculo com a aldeia e território, filho e neto de líderes indígenas do Tukano, sua saída da aldeia para cidade, sua militância e vivência com líderes políticos brasileiros, sua amizade com o atual presidente da república Luiz Inácio Lula da Silva, sua amizade com o primeiro deputado federal Mário Juruna, viagem internacional para denunciar o governo brasileiro e sua luta dentro da FUNAI para demarcação da terra.

3.LIDERANÇAS DO TRIÂNGULO TUKANO

Figura 5: Lideranças do triângulo tukano juntos com Mário Juruna (década de 1984)

Da esquerda para a direita.

Claudio Barreto (Tukano), Edgar Fernandes Rodrigues (Baré), Álvaro Tukano, Mario Juruna, Pedro Machado (Tukano), Benedito Machado (Tukano) e Carlos Eugênio Machado (Tukano)

Brasília – DF – Gabinete do deputado Mário Juruna



Fonte: Arquivos pessoais de Álvaro Fernandes Sampaio

Gosto de refletir sobre a perspectiva de que eu venho de uma linhagem de lideranças que buscaram direitos por demarcação dos territórios indígenas do Rio Negro. A foto acima tem um grande símbolo e a história não contada nos livros de pesquisadores, de como o Rio Negro foi reconquistada por líderes indígenas e um deles foi meu pai quem o conduziu e a oportunidade de quando estava na frente da União das Nações Indígenas (UNI).

O Rio Negro tem quase um século que foi colonizado por missionários salesianos que vieram da Europa pós segunda guerra mundial, somos de uma região catequizada, recentemente visto pela história e não contada a história pela versão de povos ou lideranças daquela região, não em livros didáticos escolares. Grupo este pioneiro em poder sair de suas aldeias e região para falar de direitos, demarcação, cultura e tradições, sendo que pela igreja, não haveria mais indígena no Rio Negro até a década de 1990, segundo a estimava dela. Hoje estamos lá, claro que perdemos muito de nossas crenças, os povos indígenas foram dizimados pela igreja e militares da ditadura, quem não era alinhado com a igreja e militares, não era visto com bons olhos.

A foto acima foi tirada em Brasília, em 1984. Foi o primeiro contato logo depois que eles tiveram o apoio do Mário Juruna, deputado federal muito influente, inteligente que ajudou demais muitos povos indígenas do Brasil na questão de interferir diretamente na questão do Estado, alianças políticas e entre outros fatores de agendas de governo. Vale lembrar também que é uma foto em que não há pessoas não indígenas acompanhando, no caso os padres. Faz lembrar de palavras de lideranças que a organização, criada como a FOIRN é importante, sem interferência de ongs. Onde temos nossa autonomia, falando por nós mesmos, pessoas como cidadãos indígenas que vivem no país chamado Brasil, mas também lembrando que a delimitação territorial nos fez separarmos de nossas famílias, que vivem em outros países, mas ainda buscamos o contato com eles através de nossas línguas tradicionais, costumes e cultura.

Figura 6: Década de 1984 – Lideranças do Triângulo Tukano em reunião Com Ministério do Interior – Brasília/DF

Da esquerda para a direita (de frente pra mesa)

Francisco Apolinario (Baniwa), Edgar Fernandes (Baré), Benedito Machado (Tukano)



Fonte: Arquivos pessoais de Álvaro Fernandes Sampaio

Defender a demarcação, é defender a vida de um povo, essas fotos me fazem lembrar da história contada pelo meu Avô Casimiro Lobo Sampaio (que assim foi batizado pelos salesianos) mas, em nossa língua Yepê Mashê ele se chama Ak+tô. Dizia ele que os padres falavam que havia mais povos indígenas no Rio Negro e sim, povos civilizados. Então essa foto faz também mencionar que nessas décadas de 70 e 80, pessoas usavam roupas e não adereços como em dias atuais, por motivos também de serem aceitos e recepcionados pelos representantes e organizações governamentais. Essa foi a primeira delegação vinda do Alto Rio Negro para defender a questão da demarcação do território, e assim se fez concretizar no governo Fernando Henrique Cardoso, que demarcou em final de mandato.

Figura 7: Lideranças do Povo Tukano/ Déc. 80. Reunião no Ministério do Interior em Brasília/DF

Alvaro Tukano, Carlos Eugenio (Tukano), Julio Goes (Yanomami), Edgar Fernandes (Baré), Pedro Machado (Tukano) e Romero Jucá (Presidente da Funai - de costas)



Fonte: Arquivos pessoais de Álvaro Fernandes Sampaio

Abrir a consciência para defender a demarcação das terras e no Rio Negro, havia grupo de líderes indígenas e meu pai era umas dessas pessoas que defendia a demarcação das terras indígenas de Pari Cachoeira ou então em todo o rio Negro. Esta reunião aconteceu no Ministério do Interior, onde a pasta da Funai estava embutida. Foi muito complicado devido à ditadura militar, que aconteceu naquela época. Eram tempos em que os militares sempre eram muito contrários à demarcação das terras indígenas. Muito Nacionalistas.

Nessas fotos estão algumas lideranças indígenas como: Benedito Machado, que é a liderança Tukano que convenceu meu pai para estar com a equipe; Pedro Machado, liderança de Pari Cachoeira e vereador; Edgar Fernandes Rodrigues, Baré que foi o primeiro presidente da FOIRN; Polinário, Baniwa é representante do povo Baniwa; Carlos Eugênio Machado, Povo Tukano de Pari Cachoeira; e Cláudio Barreto, liderança de Pari Cachoeira. Alguns deles já morreram.

É sempre bom lembrar, por meio da história contada através de fotografias dessa época, de quanto foi difícil, talvez em tempos atuais as coisas estejam mais fáceis. Essa foto é importante porque sem apoio e com recurso do próprio bolso, eles lutaram com o poder da caneta e papel, porque onde moramos não há como fechar as BR's, não há prédios de governo para reivindicar nossos direitos.

O município de São Gabriel da Cachoeira (AM) é o lugar onde o governo brasileiro esqueceu, não sei se é por causa do município onde há mais indígenas, então por este esquecimento em tempos atuais observamos e vemos em meios de comunicações importantes e por jornais a crise do caso do Povo Yanomami, que são nossos vizinhos.

E essa mobilização que meu pai, em virtude da proximidade dele com o Juruna, ele não poderia perder a oportunidade de falar sobre a questão da demarcação dos territórios e assim então o deputado não negou sua ajuda e sua influência chegou até em outros ministérios, pedido do deputado é assim que funciona. E depois de 523 anos, olho que a eficiência da composição do governo Lula com Ministérios dos Povos Indígenas e com a presidenta da Funai, que é indígena, em menos de um mês fizeram mais coisas que os governos passados. Daí me pergunto, se por acaso o Mário Juruna tivesse apoio político na época, aposto que as coisas estariam muito melhores, nunca vi um deputado devolver o dinheiro da corrupção em público, mas um deputado indígena fez isso. Então digo, se tivermos mais indígenas no poder, o Brasil na questão indígena seria diferente na política, educação, saúde e território e proteção do meio ambiente.. Portanto, esse de 2023, é um ano de grande expectativa porque nós indígenas temos representantes no governo e vamos dar apoio a estas pessoas.

4.FEDERAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INDÍGENAS DO RIO NEGRO (FOIRN) – OLHAR INDÍGENA

Assumindo a chefia do Povo Tukano e após conversar com muitos líderes de Pari Cachoeira, Álvaro Tukano e algumas lideranças do Alto Rio Negro pensaram muito para criar a Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro (FOIRN), em São Gabriel da Cachoeira, com base política daquela região. Um dos articuladores foi o companheiro Manoel Fernandes Moura e, juntamente com grandes lideranças do triângulo, a parte que era contra os padres e militares, os tucanos, por sua maioria, fizeram frente a esta luta. A política por melhoria em direitos, a autonomia de existir para resistir contra grandes empreendimentos naquela que ainda está intocada, havia e ainda há muitos interesses econômicos, políticos e outras formas de querer explorar aquela região.

Figura 8: Déc. 80 – Álvaro Tukano -
São Gabriel da Cachoeira - AM



Fonte: Arquivos pessoais de Álvaro Fernandes Sampaio

Essa foto que meu pai fez durante a assembleia que houve em São Gabriel da Cachoeira para a formação da FOIRN, foto esta que reuniu mas de 500 lideranças de bases e aldeias pela primeira em São Gabriel da Cachoeira, no ginásio Dom Pedro Massa – AM, mostrando a força dos povos indígenas do Rio Negro esta organização visava ser independente e conquistar sua

autonomia, com seu discurso próprio, valorizando assim a autonomia de 23 povos que vivem no Alto Rio negro. Essa região é quase toda demarcada, apenas uma que é a região de Marabitaná, que é o território dos Barés, não foi demarcada ainda, mas o restante do território faz parte dos territórios indígenas e da União. Luta essa que precisou alguém (Álvaro Tukano – basicamente), se impor contra a igreja, foi uns primeiros a deixar aquela região, saiu de sua aldeia e território, fez viagens internacionais e quando retorna consegue mobilizar seus clãs (Yepa Masha) e cunhados do Rio Negro (povos indígenas) para grande reviravolta em nossa região porque ali é uma grande região verde e preservada.

Em Manaus passaram por muitas dificuldades, muita fome e falta de apoio político em diferentes áreas, outros povos da Amazônia passavam por dificuldades parecidas com os dos povos do Rio Negro. Mesmo assim, criaram FOIRN em meio a grande polêmica de certos missionários e militares, que gostavam de tutelar os indígenas. Álvaro Tukano foi criticado pelos especialistas de indígenas quando criou a FOIRN, na época, por ser faixa de fronteira, não se podia pensar na demarcação de terras, os militares achavam que iriam perder terras da União e nos tornar autônomos daquelas terras. Uns diziam que aquilo era absurdo e que ia acabar cedo, porque não existiam mais indígenas no Rio Negro, discursos esses que eram muito ditos pelos missionários, o ato de estar vestido igual a eles, falar o português, escrever e etc., segundo eles não nos tornavam mais indígenas. Meu pai foi contra esses discursos, e dentro da igreja havia outras irregularidades.

Uma conversa sem fundamento, mas conversou com os líderes para sustentar o processo. Teve processos duros, interferência do ESTADO/IGREJA e falta de compreensão por parte de certos dirigentes indígenas. Mas valeu, foi uma vitória e história de nosso povo e conseguimos retomar uma filosofia indígena.

A FOIRN ficará mais forte quando os povos resgatarem sua memória/tradição cultural e melhorarem a economia nas aldeias. Ainda temos, infelizmente, certos indígenas que não assumem sua identidade e que querem ser brancos, por questões de perseguições religiosas. Mas quando ficam doentes vão parar na Casa do Índio/Funai e sofrem calados ou até pegam outras doenças, havia então a necessidade de ter uma organização indígena que tratasse sobre a saúde indígena, hoje existe a Secretaria de Saúde Indígena (SESAI), nada nos foi dado de graça, mas através de muita luta.

Nós, indígenas, precisamos ter um espírito forte, reconciliador, ser solidários para com todas as questões que prejudicam os seres humanos. Devemos ser simples, não ser egoístas ou

oportunistas e nunca abaixar a voz e a cabeça diante das autoridades do Brasil. Assim, podemos encarar melhor a nossa luta que não tem preço, pois o amor pelo nosso povo é mais importante. Por isso, de fato, exerceu a influência no Planalto e precisou de patrocínio político, aviões para trazer as lideranças do interior e realizar uma assembleia extraordinária em São Gabriel da Cachoeira (AM), pois muita gente só criticava o Projeto Calha Norte e Paranapanema sem conhecer a verdade. Convidou os representantes civis e militares, Conselho Indigenista Missionário (CIMI), Centro Ecumênico de Documentação e Informações (CEDI), Universidade Federal do Amazonas (UFAM) e políticos regionais. Conseguiram reunir 400 líderes, e, assim, estava dado o passo do nosso movimento: a criação da FOIRN - Federação das Organizações Indígenas do Rio Negro¹. Depois, todos voltaram de avião para suas casas, levando novas mensagens.

Álvaro Tukano sempre apoiou os novos líderes indígenas para exercer os cargos, por isso, apoiou o Edgar Fernandes Rodrigues (Baré) e Orlandino Melgueiro da Silva (Baré) para dirigir a FOIRN. O segundo mandato da FOIRN foi dirigido por Jorge Pereira (Tukano) de Pari Cachoeira. De repente, a FOIRN servia como um canal para oportunistas que antes nunca queriam ser indígenas e, por isso, seguiam o calendário de trabalho de terceiros.

¹ Para mais informações sobre a FOIRN, deixo um link de um dos vídeos da época:
<https://www.youtube.com/watch?v=EXA hIBiscus>

5.PASSAPORTE

Figura 9: Década de 1980 – passaporte de Álvaro Tukano

Manaus - AM

NACIONALIDADE BRASILEIRA - NATIONALITÉ BRÉSILIENNE - BRAZILIAN CITIZEN

Nome Nom Name	ALVARO FERNANDES SAMPAIO	
Lugar e data do nascimento Lieu et date de naissance Place and date of birth	São Gabriel da Cachoeira /AMAZONAS, EM 03-NOV-1953	Sexo Sexe Sex MASCULINO
Filiação Noms des parents Fathers and mothers name	CASIMIRO SAMPAIO e GUI- LHERMINA FERNANDES CABRAL	
Repartição expedidora - Délivré par - Issued by	Válido até - Valable jusqu'au - Valid until	
SR/DPF/AM - SERVIÇO DE POLÍCIA MARÍTIMA, AÉREA E DE FRONTEIRAS. M A N A U S	16 /NOVEMBRO/1986	
	Data da expedição - Délivré le - Issued on 17 /NOVEMBRO/1980	



Nome e cargo do funcionário que o concedeu
Nom et qualité de l'agent expéditeur
Name and function of the issuing authority

Marcos A. Q. Nobrega
Subst. Chefe SPV/SPMAF/SR/AM

Fonte: Arquivos pessoais de Álvaro Fernandes Sampaio

Este passaporte, em minha visão e opinião, é um documento importante. Com certeza, foi um dos primeiros ou o primeiro documento que um indígena obteve para viajar para fora do país. Álvaro Tukano conseguiu viajar para IV Tribunal Bertrand Russell, sem a tutela da Funai que era presidido por coronéis e generais. Viajou só e sem saber do seu destino, de como seria

e o que teria no meio do caminho durante seu percurso. Tirou esse documento na capital do Amazonas, e como ele já teve os documentos como certificados de estudos, de serviço militar e de outros cursos, acredito que foi rápido devido na época ser considerado “índio aculturado” e ter servido no serviço militar, pelo tempo e também por ele ser indígena. Esse passaporte iria proporcionar os novos caminhos para que ele possa encontrar os aliados para povos indígenas, que no Brasil viviam sem apoio do próprio Governo. Iria conhecer muitos povos e líderes indígenas, embarcar nos aviões de rotas nacionais e internacionais, e esse mundo se tornou pequeno para ele.

Quando falamos de RG, CPF e Título de eleitor, os documentos básicos do cidadão brasileiro, nós povos indígenas somos os últimos a terem esses acessos de reconhecimento civil, isso faz menos de 10 anos atrás. A ocupação das universidades públicas, o direito de ter o mínimo de acesso à saúde, dentre outros. Isso faz ter uma reflexão que a luta de poder ir e vir era muito complexa. Ainda quando tentamos falar de nossa autonomia, esbarramos na instituição Funai e, imagina nos tempos que o Brasil passava por uma ditadura militar.

O escritório do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), estava ciente da compra do passaporte, entregaram a passagem e a roupa de frio, então a presença do CIMI sempre esteve acompanhando os passos, até os dias atuais. No momento da viagem, era necessário guardar o segredo para não chamar a atenção do Ministro do Interior, o Coronel Mário Andraza, e do Presidente da Funai, o Coronel João Carlos Nobre da Veiga, ambos militares de linha dura. Foram eles que tentaram barrar a viagem de Mário Juruna para Rotterdam e, naqueles anos, meu pai não conhecia pessoalmente o deputado.

Não há dúvidas de que ele deu o maior drible político no governo brasileiro e na Funai, que não queriam que os indígenas viajassem para outros países. E até então, a Funai estava impedindo a viagem do então deputado federal Mário Juruna, Xavante, pois este líder tradicional não tinha instrução e nem documentos para tirar o passaporte, segundo o Governo brasileiro. Ele preferiu ficar calado e dar o apoio a Mário Juruna quando estivesse no cenário internacional.

A nossa “incapacidade” sempre foi mostrada através de livros e outros meios que não somos capazes de gerenciar nossas próprias vidas e, assim a Funai e outros sempre nos tutelaram. Mas, em algumas décadas, buscamos nossa autonomia na política, cidadania, saúde e outros. Nada foi oferecido, tudo que os povos indígenas tem foi conquistado através de sangue, morte de lideranças e muita luta.

O que é “civilizado” até nos tempos atuais que somos povos felizes, neste de 2023, temos uma ministra que gere o Ministério dos Povos Originários, uma presidenta mulher indígena que vai gerenciar a Funai, três deputadas mulheres e entre outros cargos do Governo, e um menos de um mês, essas pessoas já estão fazendo grande trabalho, como parar com genocídio do povo Yanomami, que os “civilizados” não fizeram durante 523 anos da existência deles, apenas tentaram nos exterminar.

Lutamos durante esses 5 séculos pelos nossos direitos de existir e resistimos, pela liberdade de expressão própria, porque os povos indígenas nunca foram relativamente incapazes e, por isso, dirigiram suas comunidades e povos com diálogo democrático, o que não está acontecendo com governo brasileiro que não respeita os princípios da Declaração Universal dos Direitos Humanos.

Figura 10: Dec. 80 – Jornalista Memélia Moreira (folha de São Paulo), Mário Juruna (Cacique mario Juruna), Álvaro Tukano e Dom Thomas Bauduino (presidente do CPT – Comissão Pastoral da Terra)

Aeroporto de Amsterdã - Holanda



Fonte: Arquivos pessoais de Álvaro Fernandes Sampaio

O passaporte que fez umas primeiras denúncias, juntamente com deputado indígena, primeiras viagens fora do país realizadas por indígenas, falando sobre a questão indígena em nosso país. Denúncias realizadas até hoje por novas lideranças.

Reflexão que faz pensar de como foi difícil falar contra o governo de ditadura, ser tutelado, sofrer perseguições de igrejas salesianas e não poder retornar para sua região e seu povo. Lutar através de palavras escritas, foi o que aprendi com meu pai, levar documentos

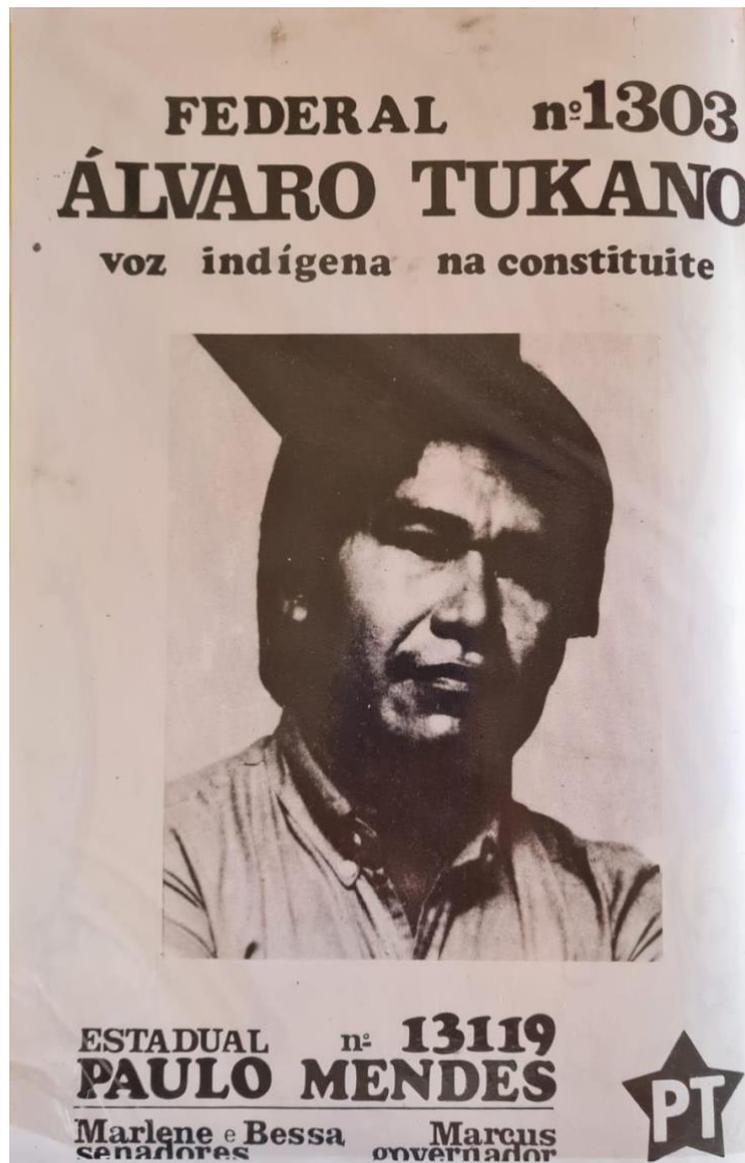
escritos e assinados, é a maneira que meu pai e outros começaram a fazer, falar em público sem temer represálias, fazer viagens sem ter recursos e depender das boas vontades de apoiadores da causa indígena.

Esse passaporte trouxe uma visibilidade sobre a questão indígena para o Brasil e investimentos de países como europeus visando a causa indígena. Sabemos que o Brasil não vê os indígenas com bons olhos e não valoriza as vozes indígenas, mas, quando um europeu e americano falam, aí sim o Brasil os escuta. Parecemos que somos filhos bastardos deste Brasil, uma terra que já foi nossa, que parecemos que somos estrangeiros desta terra.

A foto no aeroporto de Amsterdã – Holanda, foi o primeiro encontro da comitiva no exterior com Mário Juruna, foram denunciar as ditaduras militares nas Américas com relação aos povos indígenas, falar de demarcações, violências e do Mário Juruna que foi presidente do IV Tribunal Bertrand Russell para julgar os crimes das ditaduras militares das Américas com relação aos povos indígenas.

6.POLÍTICA: NECESSIDADE PARA SOBREVIVER

Figura 11: Década de 80 – Panfleto de campanha de Álvaro Tukano para Deputado Federal pelo Amazonas, Paulo Mendes Tikuna para Deputado Estadual, Marlene professora da UFAM José Ribamar Bessa - historiador para Senadores e Marcus Barros – Prof UFAM/Medicina para Governador.



Fonte: Arquivos pessoais de Álvaro Fernandes Sampaio

Meu nome completo é Seeribhi Lula Apolo Prado Sampaio. Lula em homenagem ao atual presidente da República, que foi amigo do meu pai. Conheceu então o Luiz Inácio Lula da Silva em suas militâncias, e conversou pessoalmente com ele sobre as questões indígenas em Xapuri, perguntou sobre os povos indígenas, fazendo suas políticas, e lá então começaram a caminhada deles juntos, um ex-sindicalista e um indígena conhecendo o mundo do branco. Álvaro Tukano estava proibido de voltar para o Rio Negro, sua terra natal, quem controlava os barcos, avião que eram meios de se chegar em sua aldeia, eram padres e militares, a aldeia de meu pai é longe, seu trajeto seria de Manaus para São Gabriel da Cachoeira e São Gabriel da Cachoeira para Aldeia. Ele é contra os padres e militares. O Partido dos Trabalhadores (PT) é forte em São Gabriel da Cachoeira, sempre cresci ouvindo que é necessário estar na política, onde é decidido o poder sobre nós indígenas, não importa o partido, é necessário participar e falar quem somos nós. Assim, grande parte de lideranças indígenas do Rio negro se filiaram ao PT que, até então, era o partido que tratava de minorias, e os povos indígenas se incluíam nessa pauta. Não foi à toa que tivemos e ainda temos, em sua maioria, em terras indígenas, vereadores, prefeitos... em partidos de esquerda.

As candidaturas indígenas em todo país é a busca da autonomia política e outros aspectos, então essa tal palavra nunca foi dada e sim conquistada, éramos tutelados em muitas questões, de umas décadas atrás, posso que dizer que depois do indígena ingressar nas universidades, ter diploma e se auto representar, essa tutela perdeu um pouco de poder sobre nós indígenas. Primeiro veio o deputado federal Mário Juruna, do Povo Xavante, e assim com o seu chamado e outros protagonismos de indígena, criou-se a UNI, participação da COICA, participação da constituinte (devido à pressão de partidos, antropólogos, apoiadores e entre outros). Depois da constituinte e na década de 1990, para deputados federais, tiveram apenas 8 candidatos indígenas depois da constituição, mas ninguém se elegeu. Marcos Terena (PDT – Brasília), Mário Juruna (PDT – Rio de Janeiro), D’Yahuri (PMDB – Goiás), Augusto Xavante (PDT – Mato Grosso), Biraci Yawanawa (PDT – Acre), Álvaro Tukano (PT – Amazonas) e Gilberto Macuxi (Roraima).

São esses espaços políticos que buscamos, são nesses espaços que são decididos o futuro da nação brasileira, em 523 anos de resistência e para existir, chegamos com as mulheres no poder. Tivemos um homem que ajudou a criar, com outras lideranças, os artigos da constituição que nos ampara. Em 2023, buscamos a fala de nossa autonomia, buscamos parceiros de nossa luta que ainda há muito o que se fazer. Então, essa foto para mim que sou seu filho, é o reflexo de uma luta política que nós indígenas buscamos espaços para decidirmos o nosso futuro.

Dentro dos próprios partidos havia preconceitos racial contra os candidatos indígenas, em que falavam, segundo meu pai, que indígenas eram da Funai, com a ditadura perdendo poder, essas candidaturas foram uma conquista, só de estarem concorrendo. Estavam disputando e sabiam que não ganhariam, porque o anti indigenismo era muito grande, buscar o cenário político para participar da vida pública, meu pai era mais próximo do PT, e teve 1500 votos naquela eleição. O Lula é hoje pela terceira vez Presidente do Brasil e deve ter tido muita pressão e ele vai fazer uma coisa que ele não fez no passado, com uma nova geração.

Seeribhi (primeiro nome em indígena do povo Yepê Masha, para contrariar os padres da época, não podia colocar nome na língua indígena em cartório)

Lula (homenagem ao atual presidente da república, por amizade de muito tempo atrás)

Figura 12: Seeribhi Lula, presidente Lula e Álvaro tukano – Brasília/DF 2010



Fonte: Arquivos pessoais de Álvaro Fernandes Sampaio

Essas fotos trazem grandes lembranças boas de quando meu pai foi candidato a deputado federal, grande parte de meus próprios familiares e povo não apoiaram meu pai e também não votaram nele. Não me esqueço que os padres e catequistas indígenas falavam mal de meu pai e

que ele era enviado do diabo e que era contra a igreja em suas missas, creio que o medo de ir para o inferno, fez meu pai não ter votos, vejo e penso que isso que fez meu pai perder as eleições na época, nossa região não tão politizada, não havia muita informação do que estava ocorrendo no Brasil e na região amazônica, e o acesso à educação era para poucas pessoas e em sua maioria os alunos são ou eram filhos de militares, as escolas de São Gabriel da Cachoeira são geridos até hoje pelos salesianos.

Sou filho de um revolucionário, penso eu, falo isso com clareza, falta apenas meu pai receber em nosso território indígena o papa. Sempre recebeu todos que ali foram com boas vindas, nunca fez ou tratou mal, ele diz que ele é chefe, e chefe respeita um ao outro.

Ele apenas tem o ensino médio completo e superior incompleto. Largou sua família na aldeia e a comunidade, mas sua saída foi necessária, tem sua participação na demarcações do territórios indígenas do Alto Rio Negro diretamente 90%, aqui em Brasília (DF), ele aparenta ser como qualquer um, mas sim, quando está em nosso município, ele tem grande apressamento político, liderança.

Penso que uma vida política traz muitas consequências na vida de uma liderança, principalmente quando se fala em um indígena. Talvez nós indígenas fomos obrigados a nos reinventar, e de como lutar pelos nossos direitos, sejam eles numa universidade, na política, na educação, na saúde e etc. As fotos acima mostram como é necessário estar na política, nas discussões e nos debates. Enfim, meu pai fez esse percurso, foi filiado ao PT por mais de 30 anos, foi um dos fundadores do PT em São Gabriel da Cachoeira (AM) com as lideranças do Triângulo Tukano que eram seus primos e lideranças, assim conseguiu trazê-los para as discussões sobre a importância de ter a terra demarcada, a autonomia de falar diretamente com os governantes da época. Mas essa autonomia também trouxe algumas consequências.

Figura 13: Déc. 80 – Arquivos confidenciais de como o governo tinha o olhar sobre Álvaro Tukano

AC em 11 / 12 / 80
 deu vistas ao Ch./Gab./M./FB
 Em 15 / 12 / 80
 AC/SNI, em 26/03/81

GTC em 11 / 12 / 80
 deu vistas ao Ch./Gab./Civ/PR
 Em 11 / 12 / 80

CONFIDENCIAL

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES
 AGÊNCIA CENTRAL

INFORMAÇÃO Nº 397 /19/AC/80

DATA : 02 Dez 80
 ASSUNTO : ÁLVARO FERNANDES SAMPAIO 013048 81
 - ÍNDIO DA TRIBO TUKANO/AM
 ORIGEM : AC/SNI
 DIFUSÃO : CH/SNI
 ANEXO : Ficha de ÁLVARO FERNANDES SAMPAIO

1. ÁLVARO FERNANDES SAMPAIO, índio aculturado da tribo TUKANO, vinculada à Missão Salesiana de Pari-Cachoeira, de responsabilidade assistencial da Prelazia do Alto Rio Negro/AM, obteve, junto à SR/DPF/AM, o passaporte nº CA 713.599, no dia 19 Nov 80.

2. Usando de artifício para burlar a FUNAI e a Polícia Federal, ÁLVARO SAMPAIO apresentou-se ao setor competente de expedição do passaporte como cidadão comum, munido de todos os documentos civis, inclusive Certificado de Reservista de 1ª Categoria, e, ainda, declarando exercer a profissão de Prático de Enfermagem.

3. No dia 20 Nov 80, ÁLVARO SAMPAIO viajou à HOLLANDA para participar, como jurado e testemunha, no Tribunal Bertrand Russel.

O referido silvícola, devidamente instruído pelo Conselho Indigenista Missionário - CIMI, embarcou com o deliberado intento de denunciar a política indigenista do Governo brasileiro e a atuação da Prelazia do Alto Rio Negro/AM. No que diz respeito à Prelazia, a denúncia versa sobre supostos crimes de "etnocídio" praticados contra os índios TUKANO, ARUAKS e YANOMAMI, tendo em vista a edificação de colégios nas aldeias, substituição de malocas por casas, cerceamento aos índios de falarem sua pró

CONFIDENCIAL

Figura 14: Déc. 80 Arquivos confidenciais de como o governo tinha o olhar sobre Álvaro Tukano.

013048 81 2

CONFIDENCIAL

(CONTINUAÇÃO DA INFORMAÇÃO Nº 397 /19/AC/80 Fls. 02)

pria língua e substituição de rituais.

4. A Revista "VEJA", de 26 Nov 80, qualificou a atitude de ÁLVARO SAMPAIO como um "crime perfeito" cometido com a ajuda do CIMI, órgão oficial da Igreja Católica, cujos membros providenciaram o passaporte.

5. ÁLVARO SAMPAIO, reconhecidamente um elemento doutrinado pelo CIMI para denegrir a imagem do Governo brasileiro e da Prelazia do Alto Rio Negro, no exterior, é tido no seio dos Salesianos como elemento revoltado, contestador e fraco das faculdades mentais.

A denúncia contra aquela Prelazia, embora pareça estranha, por se tratar de uma iniciativa do CIMI, deve-se aos seguintes fatos:

- A Prelazia é dirigida por membros da Ala Conservadora da Igreja, tendo à frente D. MIGUEL ALAGNA;
- Possui importante influência junto aos Índios e realiza um trabalho de integração e alfabetização do Índio aos padrões civilizados, contando com substancial ajuda da Base Aérea de MANAUS;
- A Prelazia tem dificultado a atuação do CIMI na área de sua jurisdição, o que tem provocado sistemática campanha negativista por parte dos progressistas do clero e dos intelectuais esquerdistas.

6. O CIMI, ao mesmo tempo em que arquitetou a viagem de ÁLVARO SAMPAIO às caladas, burlando a legislação, usou o Cacique Mário Juruna como instrumento de contestação e desmoralização da política indigenista oficial, dando dimensão nacional e internacional à proibição do Governo de sua ida à HOLANDA. Esse fato demonstra, claramente, a má fé com que age aquele organismo religioso católico.

- * -

CONFIDENCIAL

Fonte: Arquivos pessoais de Álvaro Fernandes Sampaio

Ser chamado de “índio aculturado”, ou ser perguntado se você é índio de verdade em dias atuais, não é novidade. Ser liderança e largar sua família, seu povo, sua terra e ser perseguido por instâncias que deveriam nos atender como cidadãos, mas creio que a sociedade não os vê dessa maneira. Estes documentos tratam-se de como meu pai era visto e observado pelo governo brasileiro da época, em dias atuais não mudou, morrem lideranças como se fossem bandidos, mas lutam pelos direitos de suas terras demarcadas, por melhorias de seu povo e assim fez meu pai.

Quando o governo brasileiro, na época da ditadura, meu pai se refugiou em Equador como refugiado político e a ACNUR (Alto comissariado das Nações Unidas dos Refugiados – sede em Quito) reconheceu como liderança indígena, em julho de 1982, lá descobriu por essa organização de como o governo se posiciona com relação a ele, onde também ele mobilizou outros parentes do equador e fundaram a COICA (Coordenação das Organizações Indígenas dos Países Amazônicos), que tinha haver com os organismos Governamentais de vários países da Bacia Amazônica - OTCA (Cooperação de Tratados dos Países Amazônicos). Nessa década, voltaram muitos intelectuais refugiados políticos da época para o Brasil, e na volta em Agosto de 1982, meu pai conheceu o Biraci Brasil (Povo Yawanawa), Davi Kopenawa e outros, se candidataram para concorrer a vaga de deputados federais (“autonomia”) e começaram a fazer a mobilização para a constituinte de 88 que conhecemos hoje.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Agradeço aos meus filhos, familiares, meus pais, meus tios, povo, professores e colegas. Creio que este percurso me fez compreender de como a luta para a sobrevivência de um povo é necessário sair de sua comodidade para que outros de seu povo vivam em paz, com saúde, sua forma de viver, língua, tradição e entre outras coisas e, para isso ocorrer é necessário a terra ser demarcada. Para ser demarcada, alguém teve que lutar na política, ir em grandes reuniões sem ser chamado, sua presença vista como incômoda até os dias atuais, processos, perseguições políticas até na própria região ou povo (pessoas que pensam o contrário). Para ser uma liderança indígena é necessário ouvir, ser xingado, apanhar dos outros, ser cuspidor no rosto por outras pessoas e ser quase morto, ser expulso de sua região, esse é preso. Mas nunca desistiu de seu povo, participou de outras ocupações fora de sua região. Meu pai Álvaro Tukano sempre diz que o Nordeste é o espelho de nossas lutas, hoje eles vivem, agradeço a eles que me ensinaram a lutar através de caneta, ir nas reuniões, acordar de madrugada, ter tempo para todas pessoas de luta.

Em tempo de pandemia, quando a Covid-19 levou muitas lideranças antigas, fiquei com medo de perder meu pai. Uma das formas de homenagear foi tentar escrever e narrar as fotografias e documentos que ele tem da época, uma história narrada por ele. Aprendi muito, creio que as portas abertas na UFMG, também creio que foi através de luta, nós indígenas estamos nos espaços públicos não porque alguém nos colocou ali, mas porque teve luta para estar aí. Isso que aprendi no percurso.

Meu povo Tukano tem grande protagonismo em minha região, orgulho de falar, venho de uma linhagem de lideranças importantes, quero fazer o melhor possível, creio em nossa autonomia e sem tutela de quem tem dinheiro, mas é difícil falar sobre isso em um país capitalista.

Quero colocar este trabalho para escolas indígenas como forma de memória, valorização de lideranças, valorização de nossa história enquanto indígena, falar de nossa história para nossos jovens de como foi. Ainda não se valoriza as nossas lideranças que morreram, quem lembra de Mario Juruna nas escolas? Quem fala sobre ele? Do Chicão Xucuru? Angelo Kreta? Manoel Moura? Enfim, poderia mencionar outros aqui. A universidade poderia também fazer essa ponte, ajudar nas divulgações deste tipo de trabalho.

Venho de uma região muito esquecida por governantes, lugar longe. Talvez seja porque é uma região onde há mais 95% de indígenas, talvez por isso a falta de investimento naquela região, seja em turismo, auto sustentabilidade, saúde, infraestrutura e desenvolvimento sustentável.

Esse foi um pouco do desabafo e um pouco da história vivida pelo meu pai, não contei tudo. A luta por nossa existência continua, temos uma ministra mulher indígena, mulher presidente da Funai, vivemos em tempos melhores e de perspectivas boas, isso ocorre com a nossa participação no parlamento brasileiro.

Foto abaixo que representa a mim, vim de uma linhagem de líderes tribais, meu avô Casimiro, meu pai Álvaro e minha avó Guilhermina. A luta indígena por dias melhores começou com o pai de meu avô (João Sampaio), lutou com a política dos salesianos e o expansionismo cristão na década de 30, em na década de 40. Meu avô Casimiro lutou contra os padres e assim chegando até meu pai Álvaro Tukano que atualmente está com 72 anos de idade. Fiquei em seu lugar agora, sou uma nova liderança, minha luta política começou quando usei a camisa do PT, quando estive ouvindo conselhos de meus avós, meu pai, ouvindo outras lideranças de outros povos, participando de lutas por direito a terra, marchando e enfrentando policiais na esplanada dos ministérios, creio que nada é por acaso, a luta vem de geração para geração, assim como meu pai e meus avós conversaram comigo, tentar resolver com um diálogo porque é necessário conversar com todos, atualmente essa conversa é feita com documentos, como meu pai me ensinou quando pequeno. A luta dos povos indígenas será contínua e farei minha parte, primeira oportunidade de mostrar meu trabalho, história de meu povo, e a luta de alguns deles.

Déc. 90 – Terra Indígena Balaio – Aldeia Balaio

Foto 15



Acervo pessoal Álvaro Tukano

Foto: Seeribhi Lula

8.REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Álvaro Fernandes Sampaio (Liderança – Povo Tukano) – entrevistas e roda de conversas

Benedido Machado (liderança - Povo Tukano) – entrevista e roda conversas

João Bosco Marinho (Liderança – Povo Tukano) – entrevista e roda conversas

TUKANO, Álvaro. **Doéthiro: Álvaro Tukano E Os Séculos Indígenas No Brasil**. 2010.

TUKANO, Álvaro. **Tembetá – Álvaro Tukano**. Editora Azougue. 2023

TUKANO, Álvaro. **O mundo Tukano antes dos brancos. Um mestre Tukano**. Volume 1. INCTI/UNB/CNPq. Brasília, 2017. ISBN: 978-85-94043-01-6.

TUKANO, Álvaro. **Um mestre Tukano – A colonização do Rio Negro e o Movimento Indígena Brasileiro**. 2016